

Manifesto de Sandro Borelli na Frente Parlamentar em Defesa dos Profissionais da Dança

05 de dezembro de 2023

Antes de mais nada, boa tarde a todas as pessoas presentes neste dia histórico para a dança do Brasil.

Me chamo Sandro Borelli, sou um artista trabalhador da dança, estou aqui como representante do Fórum Nacional de Dança. Gostaria de agradecer imensamente ao Deputado Carlos Zarattini (PT/SP) por ter sido o proponente da criação da Frente Parlamentar da Dança e também por estar na presidência da mesma, também por contar com Alice Portugal (PcdoB/BA), Aureo Ribeiro (Solidariedade/RJ), Fernanda Melchionna (Psol/RS), Jandira Feghali (PCdoB/RJ), Laura Carneiro (PSD/RJ), um elenco de solistas do mais alto nível deste parlamento. Vocês estão demonstrando ter uma visão sensível do mundo, que a dança brasileira irá sempre lembrar. É importante destacar que neste momento e lugar, temos representantes desta arte de todos os estados do país. Um momento histórico para nós.

Quando se fala em dança, é essencial entender que o corpo e sua relação com o meio ambiente, gesta constantemente cultura, que nada mais é do que produção de conhecimentos do início ao fim da vida. Ou seja, o corpo é o lugar onde, através dos sentidos, as vontades irão pulsar, mas para isso se concretizar de maneira plena, será necessário o acesso à compreensão, entendimento, percepção e reflexão, que nada mais é do que um corpo sanguíneo vivo. Quando associa-se corpo/cultura, a dança deve ser anunciada e destacada, pois uma sociedade que não percebe a importância das experiências e aprendizados do corpo sensível para esta expressão artística estará condenada a gerar uma massa de corpos compactados, intolerantes à diversidade social, desumanizados, conseqüentemente, coisificados.

Apesar da ampla diversidade que está presente nesta arte, a sociedade brasileira, em sua grande maioria, vê o corpo que dança como um tabu, um lugar extremamente vigiado e ainda intransponível a outros sentidos, onde o proibido impera em detrimento da sua natural vocação criativa e reflexiva. Somos considerados vagabundos, maconheiros, viciados, putas e pecadores, além de mamadores das tetas da lei Rouanet para os conservadores hipócritas; diferentes para uma parte da elite e classe média ignorante; desnecessários para os neoliberais porque não damos lucro; marginais a serem exterminados pela extrema direita; e felizmente, corajosos e idealistas para alguns poucos. O fato é que, não nos foi dada a possibilidade de desistir ou tombar no campo de batalha, e sim, de permanecer na linha de frente do combate pela construção do espírito crítico, reflexivo e sensível para uma sociedade mais justa e soberana.

Somos artesãos, construtores de corpos protagonistas que pulsam pela liberdade, não fabricamos produtos manufaturados ou industrializados como parafusos, molas, carros, geladeiras, pontes, edifícios, etc, e sim, de bens imateriais, essenciais para o país, tais como cidadania, pertencimento e diversidade. Ser profissional da arte da dança significa ser agente transformador da sociedade. Simples assim!

Somos incansáveis! Fênix contemporâneos ressurgindo a todo momento de nossas próprias cinzas, quase sempre ignoradas pelo poder estatal em detrimento da própria nação. A matéria-prima usada por nós em nossas construções, nos faz idealistas das ilusões, fazedores de utopias e quimeras, mas também de pesadelos e realidades duras e perversas. Entretanto, na dura realidade do corpo que pensa o movimento cênico ou fora da cena, só tem uma passagem de ida, não tem volta. Sempre foi assim, ser artista da dança nesse país é dar constantes murros em ponta de faca. Apesar de sermos milhares de trabalhadores, ainda nos deparamos com uma informalidade trabalhista que tenta nos aniquilar ano a ano, que nos obriga a trabalhar até a velhice para não morrermos de fome, sem qualquer amparo previdenciário do Estado. Apesar de toda potência artística, pedagógica e cultural que emanamos dos nossos corpos, ainda não somos reconhecidos como categoria produtiva, sequer temos a nossa atividade regulamentada por lei.

Portanto, se queremos realmente mudar a sociedade brasileira, a dança vai precisar estar presente desde a infância. Lanço um alerta a todas as pessoas presentes aqui neste momento, ou mudamos esse paradigma ou estaremos condenados a viver no limbo civilizatório, salvo importantes exceções ainda existentes, como manadas de animais dóceis e ignorantes rumo ao abate social.

Para encerrar eu queria dar um salve a todas e a todos os trabalhadores da dança desse país, obrigado!

Sandro Borelli.